

Salários e custo da vida

VI

A economia passa indiferente e altiva, na sua imponente superioridade, por entre os sofrimentos da vida humana. Orgulhosa de si mesmo e das suas «benemerências», encarrega outras instituições de suavizar os estragos da sua passagem: a Assistência é a escrava mais submissa que lhe faz a corte. E a gente fica a pensar se não terá, na verdade, razão do seu orgulho, ao ver todos os outros servos do seu universal império, submissos também: o desempregado, a mortalidade infantil, a tuberculose, a promiscuidade, as cinturas vermelhas, eu sei lá, um cortejo interminável de misérias que a acompanham e aclamam.

No entanto, ela não deveria fazer estragos, porque não passa de uma serva do homem. Mas desde que arvorou em sua deusa e senhora, mal vai a quem não aceita o seu império.

Donde vem esta inversão de valores? Donde vem que o dinheiro seja senhor, se tenha transformado em fim da vida humana, quando não deveria ser mais do que simples instrumento ao serviço do homem?

O erro fundamental está no próprio conceito da economia. A economia, dizem os livros, é a ciência da riqueza. E vai daí, desata a estudar os meios mais aptos a produzir a riqueza.

E o que se entende por esta palavra «riqueza»?

Dizem também os livros que a riqueza é todo o bem que pode ser apropriado de maneira exclusiva pelos indivíduos. Um relógio é uma riqueza, porque um de nós pode apropriar-se dele com exclusão dos outros indivíduos. Pelo contrário, o ar que respiramos e sem o qual não podemos ter vida, a luz que nos alumia e sem a qual seríamos cegos e incapazes de viver, o calor vivificante do sol que frutifica as searas, a chuva que fertiliza os campos, nada disto são riquezas, porque ninguém se pode apropriar sozinho delas. O sol, quando nasce, é para todos. Logo não é uma riqueza!

Desde que uma coisa pode ser propriedade de alguns, já é riqueza. Desde que todos a podem possuir já não é uma riqueza. Tal qual.

Sendo assim, uma coisa será tanto mais rica quanto dela menos houver, isto é, quanto mais rara for uma coisa, tanto maior riqueza vem a ser. Uma pérola rara é um valor económico muito grande, uma grande riqueza. Um caudal imenso de água, à disposição abundante de todos, não é riqueza nenhuma!

Assim raciocinam e ensinam os economistas!

É evidente que, sob o ponto de vista individual, o raciocínio é exacto. Se eu possuir, com efeito, um objecto único no mundo, tem ele para mim um valor imenso, constitui para mim uma grande riqueza, porque posso trocá-lo por uma infinidade de bens, se houver alguém disposto a fazer a troca. Ao passo que se eu tiver um cântaro de água à beira duma fonte abundante, isso não me dá valor nenhum para a troca, não é, portanto, riqueza para mim.

A fórmula da economia individualista é precisamente esta: quanto mais raro, mais rico. Há muito café? A produção de trigo foi abundante de mais? Para que constituam verdadeira riqueza, é preciso que haja menos. Logo queima-se, para que haja menos, e a economia seja mais próspera! Assim mesmo! Logo, o meu interesse individual está em que haja pouco daquilo que eu possuo. Sou produtor de trigo? O meu interesse está em que a produção seja escassa, pelo menos a dos outros produtores. Venderei o meu trigo mais caro, serrei mais rico.

Mas será assim sob o ponto de vista colectivo? Positivamente que não.

Que seria de nós se o ar rareasse? Que seria da humanidade se o sol fizesse greve, ou se não chovesse mais?

Não há riqueza maior para a humanidade do que o ar, o sol, a chuva, as fontes de água cristalina. Se as searas produzissem tanto que todos possuíssem pão em abundância, não seria isto uma incomparável riqueza?

Aqui está o erro da economia. Coloca-se sob o ponto de vista individual, e chama preto ao que é branco, diz que é uma riqueza aquilo de que a humanidade é pobre.

O homem procura obter, em todas as suas actividades o máximo de rendimento com o mínimo de esforço. A economia não deveria ser, portanto, a ciência da riqueza, mas a ciência do esforço, isto é, a ciência de saber como é que a humanidade há-de produzir o máximo com o mínimo de esforço. Como há-de produzir o máximo de bens para todos, mesmo que não viessem a ter nenhum valor de troca.

Qual será, com efeito, mais próspera: a nação que tem raridade de bens — onde, quem os possui, é rico, onde, portanto, há muitos ricos — ou a nação que onde não existe raridade nenhuma de bens, onde eles são em tanta abundância, que ninguém dá nada por eles, por isso mesmo que todos têm tudo de que precisam, e onde portanto, segundo o conceito individualista de riqueza, não há ricos?

Deixo a resposta à inteligência dos leitores. Que se medite na falsidade fundamental duma economia individualista, onde se regateia o salário — isto é, os meios de possuir os bens indispensáveis — para não empobrecer a Nação, nem encarecer a vida...

Não existe, em tudo isto, uma horrível contradição?

ABEL VARZIM